

**DO GOVERNO BOLSONARO AO PÓS-GOVERNO:
A Guerra Cultural e sua continuidade na Política Brasileira (2018-2023)**

Mirela de Jesus Gerônimo (UFS)¹²⁰
Bruno Silva Santana (UFS)¹²¹

Resumo: O artigo analisa a continuidade e evolução da guerra cultural no Brasil de 2018 a 2023, abordando seu papel central na política contemporânea, especialmente durante e após o governo Bolsonaro. A guerra cultural é vista como um mecanismo de polarização social, fortalecido pela comunicação digital e pela atuação legislativa de deputados bolsonaristas. O estudo identifica estratégias de retórica e mobilização que perpetuam a divisão social e dificultam o diálogo democrático, transformando o debate público em uma arena de confronto ideológico. Além disso, o texto destaca o papel das redes sociais na disseminação de narrativas polarizadoras e a consolidação de identidades conservadoras. Por fim, enfatiza que a guerra cultural transcende o período de Bolsonaro, sendo um fenômeno adaptativo e de longo prazo com implicações para a democracia e a coesão social no Brasil.

Palavras-chave: Guerra cultural Polarização, Governo Bolsonaro, Democracia, Retórica de ódio, Política brasileira.

Abstract: The article examines the continuity and evolution of the cultural war in Brazil from 2018 to 2023, focusing on its central role in contemporary politics, especially during and after Bolsonaro's administration. The cultural war is presented as a mechanism of social polarization, reinforced by digital communication and the legislative actions of Bolsonaro-aligned congressmen. The study identifies rhetorical and mobilization strategies that perpetuate social division and hinder democratic dialogue, turning public debate into an arena of ideological confrontation. Moreover, the text highlights the role of social media in spreading polarizing narratives and consolidating conservative identities. Finally, it emphasizes that the cultural war transcends Bolsonaro's tenure, representing an adaptive and long-term phenomenon with significant implications for democracy and social cohesion in Brazil.

Keywords - Cultural war, Polarization, Bolsonaro government, Democracy, Hate rhetoric , Brazilian politics.

¹²⁰ Doutoranda em Sociologia pelo programa de pós-graduação em Sociologia (PPGS/UFS) na Universidade Federal de Sergipe.

¹²¹ Doutorando em Sociologia pelo programa de pós-graduação em Sociologia (PPGS/UFS) na Universidade Federal de Sergipe.

1 INTRODUÇÃO

A guerra cultural, um conceito que se refere a conflitos ideológicos e valores em uma sociedade polarizada, tornou-se uma dinâmica central na política brasileira, especialmente durante e após o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022). O termo, que ganhou destaque nas décadas de 1990 e 2000 nos Estados Unidos, descreve a luta entre diferentes grupos sociais e políticos que disputam a definição de valores, normas e ideologias que devem prevalecer na sociedade. Esse fenômeno é particularmente relevante em contextos onde mudanças sociais, políticas e econômicas profundas geram insegurança e reações adversas em segmentos da população.

No Brasil, a guerra cultural ganhou novos contornos com a ascensão de Bolsonaro ao poder, que se apoiou em uma retórica conservadora para mobilizar uma base eleitoral significativa. Através de um discurso que ressoava com anseios por valores tradicionais, segurança e a rejeição do que considerava a "ideologia de gênero" e outros avanços sociais, Bolsonaro conseguiu galvanizar apoio e legitimar sua agenda política. Assim, a guerra cultural não apenas se tornou uma estratégia de campanha, mas uma ferramenta de governança que desvia a atenção das falhas administrativas e das crises sociais.

Este artigo examina a persistência e a evolução da guerra cultural no Brasil, concentrando-se em como as estratégias e narrativas desenvolvidas durante o governo Bolsonaro continuam a moldar a política e a sociedade brasileiras no período pós governo. Mesmo após a saída de Bolsonaro da presidência, ele e seus aliados mantêm uma influência significativa, especialmente por meio das redes sociais e da atuação no Congresso Nacional. As redes sociais, em particular, desempenham um papel crucial na disseminação de informações e desinformações, permitindo que narrativas polarizadoras se propaguem rapidamente e que uma base conservadora se mantenha mobilizada.

Ao investigar a guerra cultural no Brasil, este estudo busca não apenas entender suas origens e características, mas também explorar suas consequências a longo prazo para o debate público e a formulação de políticas. A análise se fundamenta em uma abordagem mista, combinando uma revisão teórica da literatura sobre guerra cultural com a análise de dados de redes sociais e discursos parlamentares. O foco recai sobre como a retórica da guerra cultural é utilizada para estabelecer dicotomias morais simplistas, enfraquecer discussões sobre políticas públicas e fortalecer a identidade política de grupos conservadores.

Além disso, a pesquisa considera as implicações sociais e políticas da continuidade da guerra cultural. A polarização que caracteriza este fenômeno não apenas fragmenta a sociedade,

mas também diminui a capacidade de diálogo e consenso em torno de questões cruciais, como direitos humanos, educação e saúde. A análise dos discursos e das práticas políticas revela como a guerra cultural tem sido um instrumento eficaz para desviar a atenção das falhas de governo e para a manutenção de uma agenda conservadora que pode limitar o progresso social e político no Brasil.

Assim, este artigo busca contribuir para um entendimento mais profundo da guerra cultural no contexto brasileiro, destacando sua relevância para a política contemporânea e suas implicações para o futuro da democracia no país.

2 A GUERRA CULTURAL: CONCEITOS E TEORIAS

A guerra cultural, como fenômeno social e político, refere-se a um conjunto de conflitos ideológicos que emergem em sociedades marcadas por divisões profundas sobre questões de identidade, moralidade e valores. Segundo Hunter (1991), a guerra cultural é uma luta por significados e valores, onde grupos sociais tentam impor suas visões de mundo a um espaço público fragmentado. Essa luta não se limita a disputas eleitorais, mas se estende a todos os aspectos da vida social, desde a educação até a mídia, passando por questões de raça, gênero e sexualidade.

A partir da década de 1990, especialmente nos Estados Unidos, o conceito de guerra cultural passou a ser utilizado para descrever a polarização crescente em torno de questões como direitos civis, aborto e educação sexual. De acordo com Fiorina e seus colegas (2006), a narrativa da guerra cultural se torna uma ferramenta poderosa para mobilizar apoio, uma vez que apela a emoções e identidades, criando um ambiente propício para a radicalização das posições políticas.

No contexto brasileiro, a guerra cultural começou a ganhar destaque com a ascensão de movimentos sociais e da nova direita, especialmente a partir de 2013. A partir desse período, a política brasileira se tornou um campo de batalha cultural, com a polarização se intensificando em resposta a movimentos sociais progressistas e à resistência a avanços em direitos humanos. Almeida (2019) argumenta que a eleição de Jair Bolsonaro em 2018 representou um ponto de inflexão, onde a guerra cultural se tornou uma estratégia central de mobilização política.

2.1 A Guerra Cultural e o Conservadorismo Brasileiro

A adaptação da guerra cultural ao contexto brasileiro está intimamente ligada ao crescimento do conservadorismo religioso, particularmente ao evangelicalismo, que nas últimas décadas emergiu como uma força política significativa. Esse movimento é impulsionado tanto pela expansão demográfica das denominações evangélicas quanto pela sua crescente capacidade de articulação política. Como observa Santos (2019), os grupos evangélicos, ao se unirem a partidos políticos conservadores, formaram uma coalizão poderosa que utiliza a retórica da guerra cultural como instrumento para legitimar sua agenda e, ao mesmo tempo, deslegitimar seus adversários. Essa coalizão, longe de ser meramente circunstancial, se constrói sobre uma base ideológica sólida, fundamentada em uma visão moral conservadora que busca restaurar os valores tradicionais em uma sociedade percebida como moralmente em decadência. Para esses grupos, a guerra cultural se torna uma ferramenta essencial para combater o que veem como a corrosão dos pilares fundamentais da sociedade, como a família, a religião e a nação.

A influência desses grupos sobre o cenário político brasileiro tem sido notável, e não se limita apenas à formulação de políticas públicas. A guerra cultural, nesse contexto, torna-se também uma batalha pelo controle dos discursos que definem o que é socialmente aceitável. A pesquisa de Dias (2019) destaca que essa reconfiguração do espaço público brasileiro resulta em uma disputa que vai além dos valores culturais e se estende para uma verdadeira luta por poder político e controle social. Nesse processo, a política cultural passa a desempenhar um papel central na polarização da sociedade, alimentando tensões e aprofundando divisões já existentes.

Um dos principais efeitos dessa polarização é a dificuldade de se promover um debate público saudável e construtivo sobre questões cruciais para o desenvolvimento do país, como educação, saúde e direitos humanos. Temas complexos, que exigiam discussões profundas e ponderadas, são reduzidos a dicotomias simplistas por meio da retórica da guerra cultural, onde o "certo" e o "errado" são definidos em termos absolutos, intransigentes. Tal postura dificulta a busca por soluções consensuais, já que qualquer tentativa de diálogo ou negociação é vista como uma ameaça à "verdade" defendida por um dos lados.

Essa estratégia, muitas vezes articulada nas redes sociais e em discursos públicos, serve não apenas para mobilizar as bases eleitorais conservadoras, mas também para manter a coesão interna dos grupos que compartilham dessa visão de mundo. A simplificação dos debates, promovida pela retórica polarizadora, cria um ambiente onde o "outro" é constantemente visto como inimigo, o que impede a construção de pontes e o desenvolvimento de políticas que atendam aos interesses de uma sociedade diversa e plural.

A guerra cultural no Brasil, portanto, não se limita ao campo das ideias, mas envolve uma disputa real e concreta pelo poder e pela definição dos rumos do país. Essa luta, embora intensificada nos últimos anos, é parte de uma longa trajetória de embates políticos e ideológicos que moldam a sociedade brasileira. O papel do conservadorismo religioso, especialmente o evangelicalismo, nesse processo é central, uma vez que sua influência sobre as esferas política e social tem sido determinante na forma como o debate público tem se desenrolado no Brasil contemporâneo. Como tal, compreender essa dinâmica é fundamental para se analisar não apenas a atual conjuntura política, mas também os desafios futuros para a construção de uma sociedade democrática e inclusiva.

3 REDES SOCIAIS E MOBILIZAÇÃO CULTURAL: A INFLUÊNCIA DA COMUNICAÇÃO DIGITAL NA GUERRA CULTURAL

A ascensão das redes sociais revolucionou a dinâmica da guerra cultural no Brasil, transformando profundamente os mecanismos de mobilização política e cultural. O ambiente digital, caracterizado pela instantaneidade e pelo alcance massivo, tornou-se um campo fértil para a disseminação de narrativas polarizadoras, permitindo que grupos

conservadores expandissem sua influência de maneira rápida e eficaz. A pesquisa de Fernandes (2020) sobre o fenômeno da pós-verdade ilustra como a desinformação tem se configurado como uma ferramenta central para moldar a opinião pública, manipulando fatos e distorcendo a realidade para atender a interesses políticos específicos.

Nesse cenário, as redes sociais desempenham um papel duplo: por um lado, democratizam o acesso à informação e dão voz a diversos grupos; por outro, criam um ambiente propício para a propagação de teorias da conspiração e de informações distorcidas. O caráter viral dessas plataformas, combinado com algoritmos que favorecem conteúdos emocionais e polarizadores, torna a desinformação particularmente perigosa, já que ela não apenas circula com grande velocidade, mas também influencia diretamente as percepções políticas e sociais da população. A desinformação, nesse contexto, não é um acidente ou uma falha, mas sim uma estratégia deliberada usada para manipular o debate público, polarizando ainda mais as discussões políticas e sociais.

Santos (2021) acrescenta que a comunicação digital não apenas amplia o alcance da mensagem conservadora, mas também facilita a formação de comunidades de apoio ideológico que reforçam identidades políticas. Essas comunidades funcionam como "câmaras de eco", onde os participantes são constantemente expostos a opiniões semelhantes às suas, o que acaba

por reforçar suas convicções e criar uma visão de mundo homogênea e resistente a críticas. As câmaras de eco, ao isolar os indivíduos de perspectivas divergentes, contribuem para o aumento da polarização social, pois cada grupo se sente validado em sua visão de mundo, sem necessidade de confrontar ou questionar suas crenças.

Essas comunidades digitais desempenham um papel fundamental na perpetuação da guerra cultural, já que elas fortalecem a sensação de pertencimento e identidade política entre seus membros. Ao reforçarem constantemente as narrativas conservadoras e ao promoverem a ideia de que há uma luta constante contra inimigos externos (sejam eles o "globalismo", o "marxismo cultural" ou qualquer outra forma de ameaça percebida), essas plataformas ajudam a solidificar alianças políticas e a mobilizar eleitores de maneira eficaz. A retórica do "nós contra eles" presente nessas comunidades cria um ambiente onde o diálogo e o debate se tornam quase impossíveis, pois qualquer tentativa de mediação é vista como uma traição aos valores defendidos pelo grupo.

Além disso, o uso estratégico de bots, fake news e campanhas coordenadas amplifica ainda mais o alcance dessas mensagens, muitas vezes utilizando tecnologias sofisticadas de microtargeting para atingir públicos específicos com discursos personalizados. Isso significa que as redes sociais, longe de serem apenas uma plataforma neutra para o compartilhamento de informações, são ativamente moldadas por atores políticos que têm interesse em promover divisões e em manter uma base eleitoral mobilizada e leal.

A dinâmica digital da guerra cultural também tem efeitos diretos sobre a formulação de políticas públicas e o debate legislativo. Temas como educação sexual, políticas de gênero, direitos humanos e até mesmo medidas de saúde pública são frequentemente discutidos no ambiente digital sob uma ótica altamente polarizada, o que dificulta a criação de consensos e soluções baseadas em evidências. A politização dessas questões, alimentada pelas redes sociais, transforma o debate político em uma arena de batalha moral, onde argumentos racionais muitas vezes são substituídos por apelos emocionais e simplificações retóricas.

Em suma, a adaptação das redes sociais como ferramenta central na guerra cultural no Brasil demonstra como as tecnologias de comunicação contemporâneas não apenas refletem as tensões políticas existentes, mas também as intensificam e transformam. Essas plataformas digitais permitem que narrativas simplistas, polarizadoras e frequentemente desinformativas se espalhem em velocidade e alcance sem precedentes, atingindo públicos diversificados e criando bolhas de informação que reforçam preconceitos e visões de mundo unilaterais.

Além de facilitarem a propagação de conteúdos polarizadores, as redes sociais promovem um cenário de radicalização política ao estimular interações em que o diálogo e a

troca genuína entre perspectivas diferentes se tornam cada vez mais escassos. Os algoritmos dessas plataformas tendem a privilegiar conteúdos que geram engajamento, o que frequentemente significa impulsionar publicações que despertam reações emocionais intensas, contribuindo para a formação de nichos onde os usuários têm pouco contato com opiniões contrárias. Esse fenômeno gera a chamada "câmara de eco", na qual os indivíduos são expostos, repetidamente, a informações e opiniões que confirmam suas próprias crenças, dificultando o desenvolvimento de uma visão crítica e plural.

Compreender essa dinâmica é essencial para qualquer análise aprofundada sobre a perpetuação e evolução da guerra cultural no Brasil, especialmente no que diz respeito ao papel das redes sociais na construção de identidades políticas. As plataformas digitais não apenas influenciam a forma como os indivíduos se identificam politicamente, mas também facilitam a mobilização em massa e a organização de grupos com interesses específicos, promovendo ações coletivas que repercutem tanto no ambiente online quanto no cenário social e político offline. Assim, as redes sociais configuram-se não apenas como um meio de comunicação, mas como um espaço de disputa e construção de significados, onde a identidade e as lealdades políticas são continuamente redefinidas e reforçadas.

4 IDENTIDADE POLÍTICA E RETÓRICA DE ÓDIO: A CONSTRUÇÃO DO "OUTRO" NA GUERRA CULTURAL

A guerra cultural no Brasil é profundamente vinculada à construção de identidades políticas que se formam em oposição a um "outro" percebido como inimigo ou ameaça. Essa dinâmica é central para o funcionamento da retórica de ódio, amplamente utilizada por atores políticos na esfera pública. Rocha (2021) explora como essa retórica visa não apenas deslegitimar adversários, mas também consolidar e fortalecer identidades políticas conservadoras. Esse processo de construção identitária ocorre em resposta a mudanças sociais que desafiam as normas e os valores tradicionais, como o reconhecimento de direitos para minorias, o avanço da agenda progressista e o questionamento das estruturas patriarcais.

A retórica de ódio cumpre a função de simplificar a complexidade dos debates sociais e políticos, criando uma divisão binária entre "nós" e "eles". O "outro", frequentemente representado por grupos progressistas, minorias e defensores dos direitos humanos, é retratado como uma ameaça à ordem social, aos valores familiares e às tradições religiosas. Essa construção simbólica é eficaz na mobilização de eleitores e simpatizantes, uma vez que estimula emoções como o medo e a indignação. Dessa forma, a retórica de ódio não apenas polariza a

sociedade, mas também legitima ações políticas que buscam reverter as mudanças sociais vistas como indesejáveis pelos setores conservadores.

Rocha (2021) destaca que esse discurso de ódio contribui para a formação de uma identidade coletiva conservadora, que se define pela defesa de uma moralidade rígida e de princípios tidos como inegociáveis. A guerra cultural, nesse sentido, vai além da disputa política: ela se transforma em uma batalha pela definição do que é certo e errado, justo e injusto, bom e mau. A criação desse inimigo comum é essencial para fortalecer a coesão interna dos grupos conservadores e manter a sua mobilização constante em torno de questões como família, religião e nacionalismo.

5 FRAGMENTAÇÃO SOCIAL E ESTRATÉGIAS DE UNIFICAÇÃO CONSERVADORA

A análise de Souza (2014) sobre a pluralidade de movimentos conservadores e a fragmentação social no Brasil revela que a guerra cultural tem sido uma estratégia eficaz para articular interesses divergentes sob uma bandeira comum. Embora existam diferentes facções dentro do campo conservador – evangélicos, católicos tradicionalistas, liberais econômicos e nacionalistas, por exemplo – a retórica da guerra cultural permite que essas diferentes correntes se unam em torno de questões culturais e morais. Assim, a guerra cultural funciona como um mecanismo de coesão, ao mesmo tempo em que mascara as divergências internas, ao priorizar uma narrativa que defende a manutenção ou restauração de uma ordem social percebida como ameaçada.

Esse fenômeno de unificação em torno de uma causa comum pode ser observado em eventos como as manifestações contra o aborto, o casamento entre pessoas do mesmo sexo e a "ideologia de gênero", temas que, embora diferentes em sua essência, são conectados pela defesa dos valores conservadores. Souza (2014) argumenta que a guerra cultural fornece a linguagem e os símbolos necessários para que esses grupos conversem entre si e alinhem suas agendas, permitindo a formação de uma coalizão política robusta e capaz de exercer influência significativa nas esferas legislativa e executiva.

Além disso, a retórica cultural não apenas mobiliza apoio, mas também cria uma narrativa unificada que legitima a ação política. Ao apresentar a luta pela moralidade e pelos valores tradicionais como uma cruzada contra a degeneração social, líderes conservadores conseguem galvanizar o apoio de diversos segmentos da população, transformando questões políticas em causas morais. Essa legitimação é crucial para a sobrevivência política desses

grupos, uma vez que lhes permite justificar políticas excludentes e regressivas sob o manto da defesa da tradição e da ordem.

6 DESAFIOS E IMPLICAÇÕES DA GUERRA CULTURAL: IMPACTOS NA DEMOCRACIA E NO DEBATE PÚBLICO

Os desafios impostos pela guerra cultural são profundos e têm implicações significativas para a democracia e a coesão social no Brasil. A polarização exacerbada pelos conflitos culturais não apenas divide a sociedade em campos opostos, mas também mina a capacidade de diálogo entre diferentes grupos. A pesquisa de Della Cava (2021) argumenta que a guerra cultural compromete a qualidade do debate público, transformando discussões complexas em batalhas ideológicas simplificadas. Essa simplificação impede o tratamento adequado de questões cruciais, como políticas de saúde, educação e direitos humanos, pois o foco é desviado para a preservação ou rejeição de valores culturais.

A retórica polarizadora também dificulta a formulação de políticas públicas eficazes, uma vez que transforma o campo político em um espaço de confronto, onde o compromisso e a negociação são vistos como fraqueza ou traição. Em vez de buscar soluções consensuais que atendam às necessidades da população, a política se torna uma disputa de poder, na qual a vitória de um lado implica a derrota total do outro. Esse cenário contribui para a estagnação do debate público e para a paralisia política, como apontado por Hunter (1991). O resultado é a inação governamental, especialmente em áreas onde o consenso é crucial para o progresso social e econômico.

Além disso, a polarização alimentada pela guerra cultural tem efeitos diretos na fragmentação social. Ao dividir a sociedade em "amigos" e "inimigos", o debate público deixa de ser um espaço de construção coletiva e passa a ser uma arena de conflito constante. A desinformação, amplificada pelas redes sociais e pelas estratégias de comunicação política, agrava essa situação, tornando difícil a construção de um projeto político inclusivo e progressista. Como sugere Hunter (1991), a incapacidade de alcançar um consenso em meio à guerra cultural pode levar a um estado de paralisia política e social, com graves consequências para a governabilidade e para a coesão social.

Em suma, a guerra cultural no Brasil contemporâneo representa não apenas uma luta por valores e identidades, mas também um instrumento de poder político que molda profundamente a dinâmica das relações sociais e políticas. Compreender suas causas e

implicações é fundamental para avaliar os desafios que o país enfrenta em termos de governabilidade, democracia e construção de um debate público saudável e inclusivo.

7 A CONTINUIDADE DA GUERRA CULTURAL NO PÓS-GOVERNO BOLSONARO: ESTRATÉGIAS E IMPLICAÇÕES

Com o fim do governo Bolsonaro, a guerra cultural não cessou, mas se consolidou como um fenômeno persistente e central na política brasileira contemporânea. A transição de liderança não diminuiu a intensidade dos conflitos culturais, demonstrando que as dinâmicas polarizadoras e as narrativas conservadoras continuaram a influenciar o cenário político. A literatura sobre conservadorismo no Brasil e em outros contextos, como a pesquisa de Souza (2014), sugere que a guerra cultural é uma estratégia de longo prazo que sobrevive à saída de líderes carismáticos, mantendo-se como uma força motriz por meio de grupos sociais e políticos organizados.

Essa continuidade pode ser explicada pela pluralidade de movimentos conservadores e a fragmentação social, que atuam como vetores para a perpetuação do conflito cultural. Embora Bolsonaro tenha sido o catalisador de muitas das divisões e debates que marcaram seu mandato, a estrutura subjacente da guerra cultural já estava em formação, como indicam diversos estudos (Rocha, 2021; Souza, 2014). Esses movimentos conservadores, compostos por evangélicos, nacionalistas e defensores de uma moralidade tradicional, não dependem exclusivamente de uma figura política, mas são sustentados por uma ampla rede de alianças políticas e culturais.

8 ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO DIGITAL E ATUAÇÃO LEGISLATIVA

Um dos fatores mais importantes para a continuidade da guerra cultural no pós-Bolsonaro é o papel central das redes sociais e da comunicação digital. A pesquisa de Fernandes (2020) sobre a pós-verdade e desinformação revela que essas plataformas são espaços onde narrativas polarizadoras podem ser facilmente propagadas e reforçadas, independentemente de quem esteja no poder. Durante e após o governo Bolsonaro, as redes sociais continuaram a ser utilizadas para mobilizar eleitores, criar comunidades de apoio e disseminar narrativas conservadoras. Essa capacidade de moldar o debate público e controlar o fluxo de informações é essencial para a continuidade da guerra cultural, uma vez que permite que temas e discussões conservadores permaneçam em evidência, mesmo com mudanças no governo.

Além disso, os deputados bolsonaristas, mesmo com Bolsonaro fora da presidência, têm utilizado o Congresso Nacional como uma arena para continuar promovendo a guerra cultural. A análise das iniciativas legislativas e discursos desses parlamentares revela uma continuidade nas tentativas de implementar agendas conservadoras em áreas como educação, gênero, sexualidade e liberdade religiosa. Esses deputados utilizam o discurso da guerra cultural para deslegitimar propostas progressistas, acusando-as de ameaçar os "valores tradicionais" e a "moralidade pública", criando assim uma resistência sistemática a qualquer avanço progressista.

Essa atuação legislativa faz parte de uma estratégia mais ampla de conservação do espaço político conquistado pelos conservadores durante o governo Bolsonaro. Mesmo sem o ex-presidente no poder, os bolsonaristas continuam a moldar a agenda política por meio de projetos de lei, comissões parlamentares e discursos inflamados. A guerra cultural, portanto, tornou-se uma estrutura de poder institucionalizada, que vai além da figura de Bolsonaro, enraizando-se nas práticas políticas do Congresso e nas redes de apoio que sustentam essa agenda.

9 IMPLICAÇÕES DURADOURAS PARA A POLÍTICA BRASILEIRA

A continuidade da guerra cultural no Brasil pós-Bolsonaro tem implicações duradouras para o debate público e a formulação de políticas. A polarização exacerbada dificulta a criação de consensos em torno de questões fundamentais, como educação, saúde e direitos humanos. A retórica conservadora, ancorada na defesa de uma moralidade rígida, continua a transformar debates complexos em questões dicotômicas, onde o "nós" (os defensores dos valores tradicionais) está em constante oposição ao "outro" (os progressistas, vistos como ameaças à sociedade).

Essa dicotomia é reforçada pela atuação política e legislativa de atores conservadores, que se utilizam da guerra cultural para manter seus eleitores mobilizados e influenciar a agenda política. Isso perpetua a divisão social, pois impede o diálogo construtivo e a busca por soluções consensuais. Como Hunter (1991) sugere em seus estudos sobre a guerra cultural nos Estados Unidos, essa divisão pode levar a um estado de paralisia política, onde o avanço de qualquer política depende da superação de uma retórica polarizadora que simplifica debates e obstrui a governabilidade.

Além disso, a permanência da guerra cultural no Brasil pós-Bolsonaro sugere que o país enfrenta desafios de longo prazo para restaurar a coesão social e a qualidade do debate público.

A continuidade desse conflito cultural é um reflexo da fragmentação social e da incapacidade de criar um espaço público plural e inclusivo. A literatura aponta que, enquanto a guerra cultural continuar sendo um instrumento central da política brasileira, será difícil construir um projeto político estável que promova o bem-estar coletivo e o respeito à diversidade social e cultural.

Em conclusão, a saída de Bolsonaro do poder não marcou o fim da guerra cultural no Brasil. Pelo contrário, as estratégias de polarização e mobilização conservadora, alimentadas pelas redes sociais e pela atuação legislativa, continuam a desempenhar um papel central na política brasileira. A guerra cultural, agora institucionalizada, permanece como uma força dinâmica que molda o debate público e influencia a formulação de políticas, com consequências profundas para a democracia e a coesão social no país.

10 METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem mista, combinando métodos qualitativos e quantitativos para investigar a persistência e a evolução da guerra cultural no Brasil durante e após o governo Bolsonaro. A metodologia foi dividida em duas etapas principais: uma análise teórica e uma análise empírica. A primeira etapa envolve uma revisão sistemática da literatura sobre guerra cultural, focando em sua origem, evolução e adaptação ao contexto brasileiro. Esta análise inclui a identificação de autores-chave e teorias relevantes, como Hunter (1991), que discutiu a guerra cultural nos Estados Unidos, e Almeida (2019), que explorou suas implicações no Brasil. A revisão teórica serve como base para compreender como a guerra cultural foi utilizada como estratégia política por Jair Bolsonaro e seus aliados.

A segunda etapa concentra-se na coleta e análise de dados empíricos. Esta etapa é composta por:

1. **Análise de Discurso:** Os discursos parlamentares dos deputados bolsonaristas foram coletados a partir das atas das sessões do Congresso Nacional entre 2019 e 2023. A análise de conteúdo foi utilizada para identificar temas recorrentes, estratégias retóricas e a linguagem utilizada para mobilizar a base conservadora.

2. **Análise de Redes Sociais:** Foi realizada uma análise quantitativa das postagens em redes sociais, incluindo Facebook e Twitter, utilizando ferramentas de monitoramento para medir a frequência e o alcance das discussões sobre temas culturais polarizantes. As hashtags relacionadas à guerra cultural foram analisadas para entender como esses temas se disseminam e mobilizam a opinião pública.

11 RESULTADOS

11.1 Análise de Discurso

A análise de discurso revelou que a retórica da guerra cultural tem sido um elemento central nas falas dos deputados bolsonaristas. Os temas mais frequentes incluem a defesa de valores familiares tradicionais, a crítica a políticas progressistas e a deslegitimação de opositores, caracterizando uma dicotomia entre "nós" (conservadores) e "eles" (progressistas). Termos como "ideologia de gênero" e "cultura do cancelamento" foram frequentemente utilizados para mobilizar a base conservadora, sugerindo uma tentativa de reforçar identidades políticas por meio da polarização.

11.2 Análise de Redes Sociais

A análise das redes sociais revelou um aumento significativo nas postagens relacionadas à guerra cultural durante momentos-chave do governo, como a discussão sobre a reforma da educação e a aprovação de projetos de lei que visam restringir direitos. As postagens que utilizavam hashtags específicas, como #EscolaSemPartido e #Conservadorismo, mostraram um alcance elevado, indicando que esses temas têm um apelo forte entre os apoiadores de Bolsonaro.

12 CONCLUSÃO

A pesquisa conduzida demonstra de forma clara que a **guerra cultural** permanece como um elemento essencial e profundamente arraigado na política brasileira, mesmo após a saída de Jair Bolsonaro da presidência. Longe de ser um fenômeno exclusivo de seu governo, a guerra cultural tem se mostrado uma **força política e social persistente**, especialmente em virtude das **estratégias de comunicação digital** e da utilização de uma **retórica polarizada** por parte dos deputados bolsonaristas. Esse conflito cultural, que mobiliza apoio em torno de agendas conservadoras e **deslegitima propostas progressistas**, transcende o cenário político imediato, revelando-se como um **mecanismo poderoso de controle social** que perpetua divisões e intensifica a fragmentação do debate público.

A centralidade das **redes sociais** nesse contexto é um dos pontos mais relevantes da análise. As plataformas digitais, como Facebook, Twitter e outras, continuam a desempenhar um papel fundamental na disseminação de narrativas polarizadoras. As **comunidades**

conservadoras, muitas vezes organizadas em torno de temas morais e culturais específicos, são amplamente alimentadas por discursos que reforçam a **dicotomia entre "nós" e "eles"**, criando uma oposição exacerbada entre conservadores e progressistas. Tais narrativas alimentam um ciclo de **radicalização**, no qual as vozes dissidentes ou contrárias são silenciadas, e a complexidade dos problemas sociais é reduzida a slogans simplistas e polarizantes.

Além disso, a pesquisa revela que a guerra cultural no Brasil, particularmente nas suas manifestações mais visíveis durante o governo Bolsonaro e agora no período pós governo, não pode ser compreendida apenas como um **conflito de valores**. Mais do que uma disputa moral, trata-se de uma **luta por poder político**, onde a retórica cultural é instrumentalizada para consolidar posições políticas e **mobilizar eleitores**. Essa luta molda a arena pública e influencia a **formulação de políticas públicas**, criando um ambiente em que o diálogo e a construção de consenso se tornam difíceis, senão impossíveis. A **polarização extrema** resultante desse conflito leva à **paralisia política**, como apontado por Hunter (1991), onde a incapacidade de alcançar um entendimento mínimo entre os atores políticos impede a ação governamental eficaz, prejudicando, por exemplo, as discussões sobre temas fundamentais como educação, saúde e direitos humanos.

Outro ponto destacado na análise é o **impacto social** da guerra cultural. Ela não apenas exacerba a fragmentação política, mas também afeta a **coesão social**, ampliando as divisões entre diferentes grupos da sociedade. A **retórica de ódio** utilizada por muitos líderes políticos conservadores, como analisado por Rocha (2021), não serve apenas para **deslegitimar opositores**, mas também para **consolidar identidades políticas** em torno de uma percepção de ameaça constante à ordem tradicional. Esse mecanismo cria um ciclo de **mobilização defensiva**, onde os indivíduos são encorajados a resistir a mudanças sociais percebidas como destrutivas, reforçando a identidade de grupo e a polarização.

A continuidade da guerra cultural no **pós-governo Bolsonaro** aponta para um cenário político complexo e de **longa duração**. Embora Bolsonaro tenha deixado o poder, os **elementos estruturais** que sustentam a guerra cultural continuam a influenciar o debate público e a moldar a atuação dos parlamentares conservadores no Congresso Nacional. Como mostra a análise das estratégias de **comunicação digital** e da **atuação legislativa** dos deputados, a guerra cultural se tornou uma estrutura de poder que transcende lideranças específicas e se firma como um **elemento central e permanente** da política brasileira. Isso sugere que, mesmo com mudanças no governo ou na liderança política, a guerra cultural não desaparecerá, mas continuará a evoluir e a **se adaptar às novas realidades políticas e sociais**.

Diante desse cenário, a pesquisa aponta para a **necessidade urgente de superar a polarização** e restaurar um espaço público mais inclusivo e aberto ao diálogo. Para isso, será fundamental criar **espaços de debate construtivo** que permitam a participação de múltiplas vozes e perspectivas, incluindo aquelas que têm sido sistematicamente excluídas ou marginalizadas pelas narrativas dominantes. **Promover a compreensão mútua** e resgatar os **valores democráticos** são passos essenciais para restaurar a **coesão social** e construir um projeto político que vá além das divisões criadas pela guerra cultural.

A **responsabilidade** para enfrentar esse desafio não recai apenas sobre os movimentos progressistas, embora sua ação seja crucial. A pesquisa sugere que é necessária uma resposta contínua e articulada de todos os setores da sociedade que se preocupam com a **manutenção da democracia** e com a **integração social**. Isso inclui a criação de **estratégias de comunicação eficazes** que possam contrapor as narrativas polarizadoras e promover um **debate público mais equilibrado**, que reconheça a complexidade dos problemas sociais e não caia nas armadilhas das simplificações ideológicas.

Por fim, a pesquisa conclui que a **guerra cultural no Brasil** não é um fenômeno estático, mas **dinâmico e adaptativo**, que se transforma em resposta às mudanças no contexto político e social. Isso exige uma **vigilância contínua** e uma **capacidade de resposta** por parte daqueles que buscam resistir às suas consequências mais danosas. Ao mesmo tempo, torna-se necessário promover uma **educação cívica** que incentive o diálogo e a reflexão crítica, como forma de construir uma sociedade mais pluralista e resiliente diante das pressões polarizadoras que caracterizam o presente momento. Somente por meio dessas ações será possível **enfrentar os desafios impostos pela guerra cultural** e abrir caminho para uma **política mais inclusiva e democrática** no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ronaldo de. **Bolsonaro Presidente: Conservadorismo, Evangelismo e a Crise Brasileira**. Novos Estudos CEBRAP, v. 38, n. 1, p. 185-213, 2019.
- DIAS, Rafael Castilho. **Guerra Cultural e Polarização Política: A Reconfiguração do Espaço Público no Brasil Contemporâneo**. Sociologias, v. 21, n. 51, p. 110-139, 2019.
- FERNANDES, Carolina Cabral. **A Pós-Verdade e o Uso Político das Redes Sociais: O Caso Bolsonaro**. Comunicação & Política, v. 37, n. 2, p. 204-225, 2020.
- HUNTER, J.D. **American Evangelicalism. Conservative Religion and the Quandary of Modernity**. New Jersey: Rutgers University Press, 1983.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra Cultural e Retórica do Ódio: Crônicas de um Brasil Pós-Político**. Goiânia: Editora Caminhos, 2012.

SANTOS, Maria Helena. **A Nova Direita e a Estratégia da Guerra Cultural: O Papel das Redes Sociais**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 34, n. 99, p. 1-20, 2019.

SOUSA, Jessé. **A Elite do Atraso: Da Escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUSA, Marco Aurélio Dias de. **O fim da Guerra Cultural e o Conservadorismo Estadunidense?** Tese de doutorado, Programa Ciências Sociais e Letras – Unesp/Araraquara, 2014.